

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)



Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura

Área Temática: Negociações Internacionais

Período de Análise: 01/11/2015 a 30/11/2015

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal Folha de São Paulo
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

| | |
|--|----|
| Conab enviará mil toneladas de arroz para a Palestina – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 05/11/2015 | 3 |
| Movimentos sociais latino-americanos celebram 10 anos de vitória contra a Alca. Pedro Rafael Vilela e Bruno Pavan – Site do MST. 06/11/2015 | 3 |
| Safra brasileira se mantém competitiva no mercado internacional – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 10/11/2015..... | 5 |
| Projeções do USDA mantêm grãos sob pressão. Fernando Lopes, Mariana Caetano e Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 11/11/2015..... | 6 |
| Grãos estocados na Argentina somam US\$ 12 bi. Marlo Olmos – Valor Econômico, Agronegócios. 12/11/2015 | 7 |
| Argentinos esperam Macri para exportar. Marli Olmos – Valor Econômico, Agronegócios. 12/11/2015 | 9 |
| Kátia Abreu: Brasil e Índia têm grande potencial para aumentar comércio bilateral – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 14/11/2015..... | 9 |
| Preço freia avanço da soja paraguaia. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 16/11/2015 | 10 |
| Em Pequim, Kátia Abreu pede avanço do acordo comercial entre Mercosul e China – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 18/11/2015..... | 10 |
| Conab doará feijão para Malawi – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 18/11/2015 | 11 |
| Dólar e USDA elevam cotação de café em NY. Alda do Amaral Rocha e Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 23/11/2015 | 11 |
| Kátia Abreu e embaixadora discutem maior aproximação entre Brasil e EUA – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 23/11/2015 | 12 |

Conab enviará mil toneladas de arroz para a Palestina – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 05/11/2015

Foi realizado hoje (5), pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), mais um leilão de troca de arroz para o envio de mil toneladas do produto beneficiado para a Palestina. A quantidade do produto in natura a ser entregue pela Conab na troca será de 1,76 mil t.

No leilão de troca, os adquirentes fornecem o arroz beneficiado e ensacado e se comprometem a colocá-lo dentro do navio, localizado no Porto de Rio Grande (RS). Também responsabilizam-se pelas despesas de capatazia e alfândega, entre outras. Em contrapartida, a Conab oferece, de volta, uma quantidade maior do arroz, in natura ao adquirente. Esta modalidade permite mais agilidade na operação, uma vez que o arroz destinado à ajuda humanitária já chega pronto para doação.

O prazo para a entrega do produto no porto de Rio Grande é dia 15 de dezembro. A ação é coordenada pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE) e o envio do arroz beneficiado para a Palestina será de responsabilidade do Programa Mundial de Alimentos (WFP/PMA).

Esta ação da Conab é autorizada pela Lei 12.429, de 20 de agosto de 2011. Ela permite que o governo federal doe estoques públicos de alimentos para assistência humanitária internacional, desde que o abastecimento interno não seja afetado.

Movimentos sociais latino-americanos celebram 10 anos de vitória contra a Alca. Pedro Rafael Vilela e Bruno Pavan – Site do MST. 06/11/2015

Proposta de criar uma área de livre comércio no continente previa adoção do dólar como moeda única e controle dos mercados por empresas dos Estados Unidos.

Do Brasil de Fato

Há exatamente uma década, no dia 5 de novembro de 2005, em Mar del Plata, na Argentina, chefes de Estado dos países de todo o continente americano se reuniram para a 4ª Cúpula das Américas.

A data entrou para a história porque marca o fim da tentativa dos Estados Unidos de aprovar a criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), com o objetivo de promover integração social, política, econômica e militar dos países do continente.

Para movimentos sociais de diversos países, a Alca, na verdade, simbolizava a tentativa dos EUA de consolidar sua hegemonia sobre o território como estratégia de poder internacional.

Para essas organizações, no aspecto político, a Alca garantiria a quase total influência norte-americana sobre os países da região, empoderando os EUA na disputa com outras potências mundiais, como Rússia, União Europeia e China.

A proposta também previa adaptação das leis nacionais dos países e padronização da política econômica, incluindo flexibilização de leis trabalhistas, privatização de serviços públicos e adoção do dólar como moeda única na região. Haveria livre circulação de

bens e capitais, mas, diferentemente da Europa, por exemplo, não haveria livre circulação de pessoas e mão-de-obra, permanecendo as mesmas barreiras de imigração para os Estados Unidos e Canadá.

Com a abertura econômica e as desigualdades entre as indústrias e empresas de cada país, as companhias privadas norte-americanas, muito mais avançadas tecnologicamente, passariam a controlar, em poucos anos, os mercados da maioria dos países, consolidando verdadeiros monopólios econômicos.

No plano militar, a Alca facilitaria a presença de tropas dos EUA em todos os países, reduzindo o papel das forças armadas nacionais numa espécie de “neocolonialismo”. “A Alca aparecia como a joia da coroa. Seria a realização do plano imperialista de colonizar a região através do controle econômico, com as soberanias nacionais sendo entregues em bandejas de prata por governos subservientes”, aponta Socorro Gomes, presidenta do Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz (Cebrapaz) e do Conselho Mundial da Paz (CMP).

Resistência

Segundo o doutor em Ciência Política pela USP e professor de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC, Igor Fuser, a estratégia criação da Alca começou em meados dos anos 1990 e o projeto foi enterrado pela confluência de três motivos.

Parte dos empresários dos EUA que atuam no setor agropecuário não queriam abrir mão das barreiras protecionistas contra produtos do Brasil e da Argentina, o que gerou certo impasse. Porém, a mobilização popular contra a Alca em escala continental falou ainda mais alto.

Um dos pontos altos foi o plebiscito popular realizado no Brasil com mais de 10 milhões de participantes e 98% de rejeição à adesão do país à aliança comercial. Também pesou na derrocada da Alca a forte resistência de Venezuela, Uruguai, Argentina e Brasil, que se retiraram da Cúpula de Mar del Plata por discordarem dos termos propostos.

Ato

O professor Gustavo Codas, da Fundação Perseu Abramo reforçou, em aula pública realizada nesta quinta-feira (5) em São Paulo, que uma combinação de fortalecimento da luta movimentos sociais e a ascensão de governos populares no continente no início dos anos 2000 conseguiram fazer com que outra visão de integração regional nascesse com a criação de mecanismos como a Unasul, Celac e Alba. “O desafio agora é a busca de um desenvolvimento sustentável, com inclusão social e igualdade”, acredita.

Até o próximo dia 22, movimentos sociais da América Latina organizados em torno da Alba (Aliança Bolivariana dos Povos da América) vão realizar atos em nove países, incluindo Brasil, Chile, Haiti, Cuba, Venezuela, Peru e Nicarágua para celebrar a derrota da Alca, mas principalmente discutir os desafios da atualidade. Para o cientista político e professor Igor Fuser, os EUA e setores do capital internacional seguem tentando obter o controle econômico da região a partir de tratados bilaterais de

comércio, diretamente com cada um dos países, mas nos mesmos termos propostos pela Alca.

Ofensiva continua

Apesar do fim da Alca, continuam acontecendo várias outras tentativas dos Estados Unidos de ampliar o seu poder econômico diante dos países latino-americanos.

Codas aponta o governo e as transnacionais norte-americanas buscam “quebrar resistências” no continente por meio das mobilizações de empresários para desestabilizar governos progressistas. Outras tentativas são os acordos bilaterais e o Tratado do Transpacífico.

Um exemplo de como o tema segue interferindo nos assuntos internos brasileiros é a questão do pré-sal. A coordenadora geral do Sindipetro, Cibele Vieira, explica que o petróleo brasileiro é o maior símbolo da importância da luta anti-imperialista no país.

“Se a Alca tivesse sido provada o pré-sal não seria mais dos brasileiros. o tema dessa jornada e o que a gente vê nessa conjuntura nacional, mostram o quão atual é a importância de barrar a ofensiva imperialista no Brasil”, apontou.

O (não) exemplo do México

Antes de propor a Alca, os Estados Unidos fecharam um acordo de livre comércio com México e Canadá, chamando Nafta (na sigla em inglês).

Era a prévia do que seria estendido ao restante do continente, com forte propaganda midiática. “No entanto, o México, depois do Nafta, enfrentou grave convulsão social.

Com a economia desnacionalizada, aquele país assistiu a um aumento sem precedentes da miséria e da violência. De repente o México, que era modelo do que se devia fazer, foi gradativamente sumindo dos noticiários”, afirma Socorro Gomes, da Cebrapaz.

Os números ajudam a explicar. Na comparação com o Brasil, o México gerou apenas 3,5 milhões de empregos nos últimos 11 anos, enquanto aqui foram mais de 16 milhões. Enquanto o Brasil reduziu a pobreza para cerca de 15% da população, no México mais da metade da população (51%) vive nessa condição. Não à toa, o país passou a ser o principal entreposto do tráfico internacional de drogas.

Safra brasileira se mantém competitiva no mercado internacional – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 10/11/2015

Os produtos da safra brasileira de grãos se apresentam bastante competitivos frente ao mercado internacional. Um dos fatores é devido a recuperação da moeda norte-americana, encarecendo os grãos produzidos nos Estados Unidos, um forte concorrente do Brasil, o que permite posicionar a produção brasileira em diferentes mercados com boa margem competitiva. A análise foi realizada durante o segundo levantamento do boletim de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, divulgado nesta terça-feira (10) pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

Mesmo com a expectativa de uma maior oferta na safra de grãos no país, a partir da colheita de mais uma safra recorde, os preços dos produtos aos agricultores apresentam um cenário bastante positivo. Essa conjuntura positiva é influenciada pelo câmbio pois se por um lado a alta do dólar influencia na elevação dos custos de produção, o elevado valor da moeda mantém os preços finais remuneradores e atrativos ao produtor.

Além da conjuntura internacional, outros fatores influenciam neste panorama positivo para o campo. Entre eles, as ações de políticas agrícolas executadas ao longo deste ano, conduzidas pelo governo federal e implementadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária Abastecimento (Mapa) e pela Conab, possibilitando o desenvolvimento da nova safra dentro da normalidade, com acesso à política de financiamento, aquisição de insumos e ações de apoio à comercialização em curso.

Essa junção de fatores indica a estabilidade do abastecimento no país, tanto para os produtos consumidos pela população como para os produtos utilizados pelas cadeias produtivas.

A safra de grãos 2015/2106 está estimada pela Conab entre 208,6 e 212,9 milhões de toneladas, com uma variação que pode chegar até a 2,1% (4.384 mil t) acima da safra 2014/15, quando registrou 208,5 milhões de toneladas.

Projeções do USDA mantêm grãos sob pressão. Fernando Lopes, Mariana Caetano e Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 11/11/2015

Divulgadas ontem, as novas estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) sobre oferta e demanda dos principais grãos naquele país e no mundo nesta safra 2015/16 aumentaram a pressão sobre as cotações de milho, trigo e soja no mercado internacional.

Os ajustes mais profundos efetuados pelo órgão, que tem status de ministério, foram no quadro do milho. No front global, foram elevadas as projeções para estoques iniciais, produção e estoques finais, enquanto a previsão para a demanda ficou menor (ver infográfico nesta página). No caso dos EUA, subiram as estimativas para produção e estoques finais.

Como resultados do cruzamento dessas correções, as relações entre estoques finais e demanda ficaram mais confortáveis. Globalmente, os estoques finais passaram a representar 21,8% da demanda, enquanto as estimativas divulgadas em outubro produziam uma relação de 19,2%. No ciclo 2014/15, o percentual foi de 21,3%; em 2013/14, de 18,4%. No caso dos Estados Unidos, os estoques finais passaram a ser estimados em 14,8% da demanda total, ante 13,1% projetados em outubro e 14,6% no ciclo passado.

No cenário desenhado para o trigo, os ajustes promovidos pelo USDA no cenário global foram menos profundos do que os verificados no caso do milho, mas mais expressivos naquilo que o órgão espera que aconteça nos EUA. Nas duas situações, contudo, os quadros são bastante confortáveis. Os estoques finais globais em 2015/16 passaram a representar 31,7% da demanda total, ante os 31,9% projetados em outubro e os 29,9% de 2014/15. Já os estoques finais americanos agora equivalem a nada mais nada menos

que 74,7% da demanda, ante os 70,6% estimados no mês passado e os 65% da temporada anterior.

No mercado de soja, finalmente, os cruzamentos de dados realizados a partir das novas estatísticas do USDA até podem ser considerados uma pouco mais "altistas", mas as comparações com o ciclo 2014/15 continuam a apontar uma oferta mais farta que nas últimas safras. Conforme os novos dados do USDA, os estoques finais globais da oleaginosa representarão 26,5% da demanda total em 2015/16. Em outubro, o percentual era maior (27,4%), mas em 2014/15 foi de 25,9% e em 2013/14, de 22,7%. No caso dos EUA, que deverão liderar a produção global, à frente do Brasil, os estoques finais previstos agora equivalem a 22,9% da demanda, ante os 21,1% projetados em outubro. Em 2014/15, o resultado dessa relação foi de 9,5%; em 2013/14, de apenas 5%.

Se os Estados Unidos tendem a manter a liderança na produção global da oleaginosa, o Brasil, de acordo com os dados do USDA, voltará a liderar as exportações. Os embarques brasileiros foram corrigidos para 57 milhões de toneladas, contra 46,7 milhões dos americanos. Se o órgão americano estiver correto, as exportações brasileiras empatarão com toda a colheita argentina, terceiro maior país produtor de soja.

Grãos estocados na Argentina somam US\$ 12 bi. Marlo Olmos – Valor Econômico, Agronegócios. 12/11/2015

O campo é uma das esperanças dos candidatos à eleição presidencial na Argentina para a recuperação dos níveis de reservas em moeda estrangeira no país. O presidente do Banco Província, Gustavo Marangoni, disse hoje que a quantidade de grãos estocados soma US\$ 12,5 bilhões em divisas que entrarão no país quando os contratos de exportação forem liquidados. Esse valor equivale a 46% das reservas registradas no Banco Central da Argentina.

Os grãos estariam estocados em silos-bolsa à espera da mudança de governo, em 11 de dezembro. Os dois candidatos que disputam a sucessão de Cristina Kirchner se comprometem a tirar as taxas cobradas para exportação da maior parte dos produtos agrícolas, em vigor desde 2007. Por isso, os produtores rurais teriam preferido aguardar a posse do novo presidente para liquidar contratos de exportação.

Além de presidente do Província, Marangoni é um dos principais conselheiros de Daniel Scioli, o candidato governista que disputa a eleição presidencial. Segundo o executivo, com os dólares dos grãos estocados o país ganharia fôlego e tempo para voltar a ter acesso aos financiamentos do mercado internacional.

Os representantes dos produtores têm outros números de estoque. Segundo a Sociedade Rural Argentina, da safra 2014/15 restou um estoque equivalente a US\$ 8,8 bilhões, que "depende da volatilidade de preços no mercado internacional". Segundo a entidade, 75% da colheita da safra de soja já foi vendida, um percentual superior ao do ano passado, que nessa época estava em 68%. "Não podemos deixar de vender porque temos que pagar as contas; a inflação não perdoa", destaca o presidente da entidade, Miguel Etchevere.

As chamadas "retenções" ou direitos de exportação variam de acordo com o produto e foram criadas sob o princípio de taxar vendas de bens produzidos pela natureza; ou seja, pela exploração produtiva da terra. Marangoni calcula que, na média, isso equivale, para o produtor, como se ele recebesse o equivalente a menos de 70% da cotação do dólar.

Para o presidente do Banco Província, "é natural" que o produtor espere por uma rentabilidade melhor. "Há um forte vínculo entre devolver mais rentabilidade ao campo e engrossar as divisas", observa. De acordo com ele, Scioli se compromete a zerar as taxas de produtos como trigo e milho logo depois da posse. No caso da soja, a cobrança seria reduzida gradativamente.

Além do fim das taxas para a exportação, há também, entre os produtores, grande expectativa de que a próxima equipe econômica faça uma desvalorização do peso, embora os candidatos neguem a intenção de promover uma maxidesvalorização cambial.

Para o reforço das reservas, Marangoni diz que a equipe de Scioli também espera que uma parte dos dólares em poder da população volte ao mercado do país. Os economistas calculam que os argentinos têm perto de US\$ 200 bilhões espalhados em contas no exterior, cofres de bancos ou guardados em casa. É o chamado dólar "colchão". O país precisa de algum fôlego em reservas em moeda estrangeira enquanto negocia com credores para sair do "default".

O setor agropecuário é um dos que aguardam com mais ansiedade a mudança de governo na Argentina. Além das taxas, o governo de Cristina Kirchner limitou a venda externa de produtos, principalmente carne bovina e trigo. O sistema de licenças para exportar visava evitar a alta de preços no mercado interno.

O efeito, segundo Etchevere, foi uma perda de rentabilidade que desestimulou a atividade. Durante esse governo, diz o empresário, deixaram de ser semeados 2 milhões de hectares, uma área superior ao tamanho do Uruguai, e 95 mil empresários do setor pecuário desistiram da atividade. A Sociedade Rural Argentina estima que o país poderia chegar em 2020 a uma produção anual de grãos de 150 milhões de toneladas, um terço a mais que o volume atual.

"Ao invés de tratar o setor como aliado, o atual governo nos vê como inimigos", afirma Etchevere. O setor poderá ter, no entanto, um aliado na Casa Rosada se forem confirmados nas urnas os resultados das últimas pesquisas. O candidato à eleição presidencial favorito atualmente é Maurício Macri, prefeito de Buenos Aires e empresário.

Macri, que passou à frente de Scioli nas pesquisas depois do primeiro turno das eleições, já deu sinais positivos ao agronegócio, como a presença nas feiras de agropecuária que, durante o kirchnerismo não foram visitadas sequer pelos ministros da Agricultura. Macri tem oito pontos de vantagem em relação a Scioli, de acordo com as pesquisas.

"Com exceção de Scioli, todas as forças políticas do país já demonstraram apoio ao agronegócio, que emprega um terço da mão de obra do país", diz Etchevere. O empresário suspeita que a eleição de Scioli represente o risco da continuidade. Segundo

ele, mais do que nomes, o país precisa de políticas públicas que restabeleçam a atividade e acabem com a inflação. Seja quem for o vencedor, o ciclo de um governo tido como inimigo do campo já está no fim. No dia 22 os argentinos definem o sucessor de Cristina.

Argentinos esperam Macri para exportar. Marli Olmos – Valor Econômico, Agronegócios. 12/11/2015

O campo é uma das esperanças dos candidatos à eleição presidencial na Argentina para a recuperação dos níveis de reservas em moeda estrangeira. A quantidade de grãos estocados soma US\$ 12,5 bilhões em divisas que entrarão no país quando os contratos de exportação forem liquidados, diz o presidente do Banco Província, Gustavo Marangoni. O valor equivale a 46% das reservas registradas no Banco Central da Argentina.

Os grãos estariam estocados à espera da mudança de governo, em 11 de dezembro, com a provável eleição de Mauricio Macri. Os dois candidatos que disputam a sucessão de Cristina Kirchner se comprometem a tirar as taxas cobradas desde 2007 para exportação de produtos agrícolas. Os produtores também esperam que o candidato vencedor desvalorize o peso.

Kátia Abreu: Brasil e Índia têm grande potencial para aumentar comércio bilateral – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 14/11/2015

Ministra está em Nova Deli em busca de novos mercados para o agronegócio

A ministra Kátia Abreu (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) se reuniu neste sábado (14) com o ministro da Agricultura indiano, Rahda Mohan Singh, em Nova Deli. Durante o encontro, ambos concordaram que Brasil e Índia têm grande potencial em ampliar o comércio bilateral.

A ida de Kátia Abreu a Nova Deli faz parte da missão do Mapa à Ásia, a fim de ampliar a exportação de produtos agropecuários e atrair investimentos estrangeiros para o Brasil. A delegação já passou pela Arábia Saudita e pelos Emirados Árabes e ainda visitará a China.

“O volume de comércio entre nossos países ainda está muito aquém das nossas capacidades, do nosso potencial”, afirmou a ministra, durante a reunião. “Gostaríamos de reverter essa situação nos baseando nos laços de amizade, cooperação e confiança mútuas”, completou.

Os principais produtos agropecuários exportados pelo Brasil com potencial de penetração no país enfrentam dificuldades no acesso ao mercado, com barreiras tarifárias, nível de regulação elevado e subsídios. O comércio bilateral está concentrado em produtos energéticos (petróleo e óleo diesel), seguido por óleo de soja e açúcar.

“Estamos muito ansiosos para ter mais cooperação com o seu país. Já estamos fazendo muito progresso. Valorizamos muito a relação com o Brasil, uma vez que somos países emergentes e podemos caminhar lado a lado”, observou o ministro Singh.

Preço freia avanço da soja paraguaia. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 16/11/2015

Os preços baixos da soja no mercado internacional tendem a frear o avanço do plantio no Paraguai na atual safra 2015/16, interrompendo uma sequência de pelo menos uma década de expansão significativa de área plantada. Ainda que o clima favorável sustente uma boa produtividade, é crescente a preocupação com o endividamento dos agricultores no país, quarto maior exportador mundial da oleaginosa.

Na última década, a soja ganhou de 150 mil a 200 mil hectares por ano no Paraguai. Agora, a expectativa é que os agricultores mantenham a semeadura - já praticamente concluída - em torno dos mesmos 3,5 milhões de hectares do ciclo passado.

O plantio da soja no Paraguai começa em setembro, pouco antes do Brasil, e a colheita é em janeiro.

Em Pequim, Kátia Abreu pede avanço do acordo comercial entre Mercosul e China – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 18/11/2015

Ministra diz que países precisam reduzir tarifas e harmonizar regras

Em reunião nesta quarta-feira (18) com o ministro da Agricultura da China, Han Changfu, a ministra Kátia Abreu (Agricultura, Pecuária e Abastecimento) destacou a necessidade de o Mercosul e o país asiático avançarem em um acordo de preferências tarifárias.

A ministra está em missão oficial a Pequim, onde anunciou a habilitação de sete novas plantas frigoríficas para exportação de carnes bovina, suína e de aves para a China. O país é o último visitado pela delegação brasileira na viagem à Ásia, que antes passou pela Arábia Saudita, pelos Emirados Árabes e pela Índia.

“Precisamos avançar em um acordo de preferências tarifárias. Hoje a corrente de comércio entre Brasil e China soma US\$ 78 bilhões e poderemos chegar a US\$ 100 bilhões rapidamente. Um acordo entre nossos países seria um grande acontecimento”, afirmou Kátia Abreu ao ministro chinês, que manifestou apoio à iniciativa.

Segundo a ministra, o Uruguai – que assumirá a presidência do Mercosul em dezembro – já demonstrou interesse em propor a criação de um grupo de trabalho para dar início às discussões sobre o tema. A Organização Mundial do Comércio (OMC) permite que países em desenvolvimento concedam preferências tarifárias entre si, a chamada “cláusula de habilitação”.

Além de reduzir tarifas, disse Kátia Abreu, os países precisam harmonizar regras e procedimentos. “As tarifas podem chegar a zero, mas continua sendo muito importante convergirmos regras no sentido de facilitar e sintonizar nossa burocracia”, assinalou.

Transgênicos

A sincronia entre Brasil e China na aprovação de organismos geneticamente modificados (OGMs) também foi tema levantado pela ministra. Ela afirmou que é necessária convergência técnica e de regulação em transgênicos, a fim de gerar confiabilidade a chineses e brasileiros.

“Solicitamos não apenas rapidez na aprovação, mas também na busca por um mecanismo que forneça mais informações, de forma a deixar chineses e brasileiros mais tranquilos em relação a esses alimentos”, observou.

A ministra ressaltou ainda que o sistema de aprovação de OGMs no Brasil é bastante rigoroso e transparente, destacando a necessidade de dar rápido prosseguimento à cooperação entre a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e a Academia Chinesa de Ciências Agrícolas (CAAS).

“Seria importante para os dois países, pois somos grandes produtores de grãos, e a China, grande comprador. Tudo que pudermos investir em pesquisa e inovação no sentido de trazer mais qualidade e menor custo na produção de alimentos deve ser feito”, comentou Kátia Abreu.

Conab doará feijão para Malawi – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 18/11/2015

Na próxima quinta-feira (19) a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) irá realizar um leilão para a contratação de frete para remoção de 407 toneladas de feijão comum cores tipo 2, sacas de 50 kg. O produto é vinculado à Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) e será destinado à República do Malawi,

O serviço a ser contratado compreenderá o percurso rodoviário entre o município/armazém de origem (Paraná) e o destino, porto de Navegantes (Santa Catarina). O adquirente ficará responsável pela colocação do produto no navio, em containers de 20', envolvendo todas as etapas, tais como: movimentação e estufagem dos containers, pesagens, lacre, colocação dos containers no navio, taxa de segurança portuária, capatazia, estiva, realização de serviço de expurgo e respectiva certificação, entre outras.

O início dos embarques no armazém de origem deverá ocorrer, impreterivelmente, no dia 30 de novembro. O prazo final para descarregamento de todo o feijão no porto de destino é 4 de dezembro. O transporte do feijão do porto de Navegantes para o Malawi será de responsabilidade do Programa Mundial de Alimentos (PMA).

A operação é coordenada pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), responsável por organizar a participação governamental na ajuda humanitária internacional, de acordo com a legislação (Leis 12.429, de 20/6/2011, e 13.001, de 10/6/2014).

Dólar e USDA elevam cotação de café em NY. Alda do Amaral Rocha e Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 23/11/2015

O escritório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) em São Paulo revisou para baixo, na sexta-feira, sua estimativa para a produção brasileira de café na safra 2015/16, cuja colheita se encerrou em outubro. A nova projeção contribuiu para a alta do commodity na bolsa de Nova York.

O USDA projeta agora que a safra será de 49,4 milhões de sacas, 5,7% abaixo das 52,4 milhões de sacas estimadas pelo órgão em maio deste ano. O dado, divulgado pelo Serviço Estrangeiro de Agricultura do USDA, é 9% inferior às 54,3 milhões de sacas estimadas para a safra 2014/15 do Brasil.

Segundo o relatório, a queda prevista na safra se deve à produtividade abaixo da média e ao menor tamanho dos grãos de café colhidos em algumas regiões do Brasil. O USDA também destacou que as exportações de café no ciclo 2014/15 alcançaram níveis históricos, de 36,57 milhões de sacas, "indicando que a colheita em 2014 não foi severamente afetada pela seca em Minas Gerais e São Paulo".

Na sexta-feira, os contratos futuros de café já estavam em alta em Nova York sustentados pela queda do dólar em relação ao real. Mas a valorização ganhou força após o USDA divulgar suas novas projeções para o Brasil, que é o maior exportador mundial de café. Os contratos com vencimento em março de 2016 encerraram o dia com valorização de 1,8%, ou 220 pontos, cotados a US\$ 1,2440 a libra-peso. A queda da moeda americana desestimula as exportações do Brasil, o que significa menor oferta de café no mercado.

Kátia Abreu e embaixadora discutem maior aproximação entre Brasil e EUA – Site do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). 23/11/2015

Representante do governo norte-americano sugere uma semana de reuniões em Washington

A ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Kátia Abreu, discutiu nesta segunda-feira (23) com a embaixadora dos Estados Unidos no Brasil, Liliana Ayalde, mecanismos para maior aproximação entre os dois países. Atualmente, existem cinco mecanismos de interlocução entre Brasil e Estados Unidos. O objetivo, agora, é que o tema agricultura esteja presente em todos os fóruns.

O principal mecanismo de interlocução dos temas agrícolas é o Conselho Consultivo Agrícola (CCA). Hoje, no entanto, o setor agrícola não tem representação em outros mecanismos também muito importantes, como de Diálogo Comercial, formado pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), no Brasil, e o órgão equivalente nos Estados Unidos, o DOC.

O Teca – acordo de cooperação econômica e comercial – é um fórum de mais alto nível com a participação do Itamaraty e Mdic e o Atec dos Estados Unidos. A ministra e a embaixadora avaliaram a necessidade de o Mapa e o USDA também participarem.

Nas relações entre Brasil e Estados Unidos, há ainda a discussão por meio do diálogo de temas globais, com a interação entre o Departamento de Estado dos EUA e o Ministério das Relações Exteriores brasileiro. Esses mecanismos de consultas e

negociações são ainda reforçados com a realização de uma reunião anual entre CEOs dos Estados Unidos e do Brasil e representantes da iniciativa privada dos dois países. No caso brasileiro, a representativa é feita pela Cutrale, JBS e Ambev, entre outros.

Agenda de encontros

Katia Abreu e Liliana Ayalde definiram ainda que tanto o governo brasileiro quanto o norte-americano vão trabalhar na formalização de uma agenda de encontros, em Washington, em fevereiro do próximo ano. Embora em encontros separados, a ideia é que os integrantes de cada um desses mecanismos de interlocução possam se reunir por uma semana na capital norte-americana.

“Vejo um momento muito particular, onde a negociação comercial e a agrícola estejam juntas”, disse a embaixadora, que considerou positivo o entusiasmo e a liderança da ministra Kátia Abreu. “Brasil e Estados Unidos têm uma grande tarefa no fornecimento de alimento e segurança alimentar como países exportadores de alimento”, disse a ministra.

Kátia Abreu e a embaixadora acertaram, ainda, que os dois países desenvolverão estudos para que em janeiro de 2016, durante a realização do Fórum Econômico Mundial, em Davos (Suíça), possam anunciar a adesão à plataforma global, que reúne informações sobre nutrição e alimentos.

Coordenador
Sergio Leite

Pesquisadores

Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,
Fábio Luiz Búriço, Georges Flexor, Jorge Romano,
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,
Sílvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior

Assistentes de Pesquisa

José Renato S. Porto

Secretária

Diva de Faria



Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214

Fax: 21 2224 8577 - r. 217

Correio eletrônico: oppa@ufrj.br

Sítio eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa